A Predestinação Divina – Evangelho de João

http://deusamouomundo.com/eleicao/a-predestinacao-divina/

I. Howard Marshall

Várias passagens em João sugerem que os homens vêm à fé somente através da atração do Pai e em virtude de Sua vontade a seu respeito (Jo 6.37, 44, 65; 8.47; 10.29; 15.16, 19; 17.2, 6; cf. 17.9, 11, 12, 24; 18.9). Estas afirmações ensinam explicitamente que aqueles que creem em Jesus são aqueles que foram dados a Ele e atraídos a Ele pelo Pai, e pode muito bem ser concluído que elas envolvem a salvação final daqueles que vêm a Jesus, visto que não há sugestão de que haja algo temporário acerca do propósito do Pai.

Nosso estudo do ensino de Paulo levou à conclusão que até a sua mais rigorosa linguagem predestinacionista não excluía a necessidade para a fé humana. Admitindo que a fé é dom de Deus, sendo incitada nos homens através do chamado divino que eles ouvem, é todavia um dom que pode ser recusado, de forma que não devemos pensar numa causação e propósito divinos secretos que inevitavelmente fazem com que certos homens escolhidos creiam e sejam salvos. Mas qual é o ensino de João?

É expressamente afirmado que aqueles que o Pai dá a Jesus ‘vem’ a Ele (Jo 6.37) e também que Jesus dá a vida eterna a todos que o Pai dá a Ele (Jo 17.2). Além disso, a palavra ‘vem’ tende a ser sinônimo de ‘crer’ (Jo 6.35; cf. 5.40). Estas afirmações sugerem que o ‘atrair’ ou ‘dar’ divino dos homens a Jesus resulta automaticamente em sua recepção da fé e da vida eterna. Uma divisão da humanidade em duas classes também parece ser ensinada, de forma que os homens que não pertencem à classe daqueles que o Pai atrai e que não são de Deus (Jo 8.47) não podem entrar para a classe dos filhos de Deus. Isto seria muito parecido com o dualismo gnóstico.**[1]**

Este raciocínio e conclusão exigem um exame cuidadoso. (1) Podemos começar mencionando a interpretação de R. Bultmann, que escreve: “O ‘atrair’ do Pai não precede o ‘vir’ do crente a Jesus – em outras palavras, não acontece antes da decisão da fé – mas, como a renúncia de sua própria certeza e auto-afirmação, ocorre nesse vir, nessa decisão de fé…. Se a fé é tal rendição de sua própria auto-afirmação, então o crente pode entender sua fé, não como a realização de sua própria determinação, mas somente como uma operação

divina sobre ele."**[2]** Podemos muito bem aceitar a segunda destas duas sentenças, mas a primeira está aberta a crítica. É uma tentativa de reinterpretar o texto em termos do próprio existencialismo de Bultmann, no qual nenhum espaço é deixado para uma influência sobrenatural, divina, sobre os homens, e está aberta à simples porém conclusiva objeção que se João quisesse dizer o que Bultmann supõe que ele diz, ele certamente teria se expressado diferentemente. É impossível fugir da impressão que João está fazendo referência a um ato divino que precede a fé em Jesus e torna a fé uma possibilidade. Para João, como para Paulo, a graça preveniente é uma realidade.

(2) Um ponto mais convincente é que aqueles que estabelecem um dualismo nestes versículos em João negligenciam o grande peso universalista que também é encontrado no Evangelho. É afirmado de forma clara e inequívoca que Jesus morreu pelo mundo (Jo 3.16f.; cf. 1.12, 29; 1Jo 2.2).**[3]** Enquanto é verdadeiro que ninguém pode vir ao Filho a não ser que o Pai o atraia, é também verdadeiro que "Está escrito nos profetas: 'E serão todos ensinados por Deus.' Portanto, todo aquele que do Pai ouviu e aprendeu vem a mim." (Jo 6.45). Quando Ele for levantado da terra, Jesus irá atrair todos os homens a Si mesmo (Jo 12.32).

(3) Devemos agora observar que a linguagem predestinacionista não é rigorosamente aplicada em todos os casos. É possível aos homens ver Jesus, e todavia não crer (Jo 6.36). Toda a última parte de João 5 critica os judeus por não crerem em Jesus, e a razão apresentada para sua incredulidade não é que eles não foram predestinados a crer, mas que eles buscam glória dos homens. Pode até mesmo haver uma inversão da linha de raciocínio delineada acima quando é dito que a razão por que a palavra do Pai não permanece neles é porque eles não creem no Filho (Jo 5.38). Novamente, em Jo 12.37ff., é afirmado que a razão por que as pessoas não criam era que Deus endureceu seus corações em cumprimento à profecia de Isaías, e tal endurecimento deve ser entendido como um julgamento sobre um fracasso prévio de crer e não como um endurecimento *ab initio* que exclui inteiramente a possibilidade de fé. Todavia, apesar deste endurecimento, algumas pessoas criam em Jesus, e Ele continuava a oferecer o evangelho da vida eterna a elas.**[4]**

(4) Destas considerações concluímos que o propósito da linguagem predestinacionista em João não é expressar a exclusão de certos homens da salvação porque eles não foram escolhidos pelo Pai (embora seja ensinado um endurecimento divino desses que persistentemente recusam o evangelho), mas enfatizar que, do início ao fim, a vida eterna é o dom de Deus e não se encontra sob o controle dos homens. Alguém que tentar ganhar a vida eterna em seus próprios termos descobrir-se-á incapaz de vir a Jesus porque não foi

concedido pelo Pai (Jo 6.65); ele continua de fato resistindo à direção do Pai. Deixar de responder a Jesus é culpável, e o julgamento acontece como resultado de uma recusa a crer. A responsabilidade humana para aceitar Jesus como Salvador é claramente ensinada.

(5) Um passo adicional que podemos dar é o de observar que as declarações sobre a predestinação têm como propósito mostrar a unanimidade do Pai e o Filho na concessão da salvação aos homens. Ninguém pode ter o Pai sem o Filho, nem o Filho sem o Pai, pois ninguém pode crer no Filho sem ser atraído pelo Pai, e ninguém pode ter a palavra do Pai permanecendo nele sem crer no Filho. Se o Pai atrai homens ao Filho, o Filho é o caminho para o Pai (Jo 14.6; cf. Mt 11.27).

Quando temos em mente que o Evangelho de João é dirigido primariamente aos judeus,**[5]** parece razoável arriscar a sugestão que João está ensinando que os judeus que deixam de aceitar a revelação de Deus que Ele já tinha dado antes da vinda de Jesus não pode esperar contorná-la e vir a Jesus de alguma outra forma. Colocado de outra forma, a razão por que os judeus fracassaram em crer em Jesus era porque eles já tinham fracassado em crer nas revelações anteriores de Deus a eles. A declaração que “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam” (Jo 1.11) podia ser aplicada à vinda da Palavra de Deus ao seu povo antes que Ele viesse em Jesus. Os judeus examinavam as Escrituras, e todavia falharam em encontrar uma evidência de Jesus nelas (Jo 5.39f.); eles não tinham o amor do Pai neles e não tinham crido em Moisés (Jo 5.42ff.). Dessa forma, eles não escutaram a Jesus porque eles não eram de Deus (Jo 8.47).

Um judeu, então, que já tinha recusado a palavra de Deus dada a ele nas Escrituras não creria na nova revelação dada em Jesus (cf. Lc 16.31). Consequentemente, a mesma mudança ocorre como encontramos em Paulo: quando os judeus não davam crédito, Jesus se vira para os gentios; Ele morre para o mundo, para os filhos de Deus que andavam dispersos, e pela Sua morte Ele atrai todos os homens a Si mesmo (Jo 11.52; 12.31-3; cf. 10.16). Ele aguarda a conversão daqueles que irão crer através do testemunho do grupo de discípulos originalmente dados a Ele pelo Pai (Jo 17.20).

Quando estes vários pontos são reunidos, fica claro que uma simples divisão de homens em aqueles que estão preordenados a responder ao evangelho e aqueles que estão preordenados a rejeitá-lo deixa de fazer justiça à complexidade do pensamento de João. Os homens que o Pai dá a Jesus são aqueles judeus que já responderam a Ele. Certamente um homem que não conhece o Pai, isto é, um gentio, será atraído pelo Filho, mas para um judeu vir a Jesus

somente é possível se ele estiver 'aberto' à revelação do Pai que já recebeu. As razões sobre as quais o Pai atrai os homens não são afirmadas, e sua eleição é conhecida somente pelo fato de sua ocorrência. É sábio, portanto, não pressionar a linguagem predestinacionista de João longe demais e extrair dela a teoria de uma cadeia lógica e inevitável de causação divina.

Fonte: *Kept by the Power of God*, pp. 177-180

Tradução: Paulo Cesar Antunes